

FCPF MAGAZINE

NÚMERO 129

ENTREVISTA A
LEANDRO DIAS

FUTSAL - SUBIDA II DIVISÃO
76º ANIVERSÁRIO





ESTE ESPAÇO PODE SER SEU!

Contacte-nos através do email
marketing@fcfp.pt





EDITORIAL

Por Paulo Gonçalves

O FC Paços de Ferreira viveu, na última semana, um momento de profunda transformação. A aprovação em Assembleia Geral da transição de SDUQ para **SAD (Sociedade Anónima Desportiva)** traça uma linha definitiva entre o passado e o futuro do clube. A elevada mobilização dos associados e a margem mínima na votação são sinais claros: o tema não é consensual, e a resistência à perda de controlo total é um sentimento legítimo perante uma mudança que se antevê irreversível.

Contudo, é necessário olhar para as raízes da crise. O grave problema financeiro que enfrentamos não nasceu hoje; resultou de um progressivo distanciamento entre a nossa histórica “gestão romântica” e a realidade empresarial do futebol moderno. Entre graves erros de gestão e o impacto desportivo da queda de divisão, a “bola de neve” financeira tornou-se insustentável. A abertura ao investimento exterior, embora não fosse o caminho idealizado por muitos, tornou-se o **único passo possível** para estancar o descalabro. É agora um “mal menor” de onde deve nascer a esperança para reerguer este clube histórico. Cabe-nos, agora, exigir competência e boa-fé a quem chega.

No plano desportivo, a urgência é imediata. Na II Liga, o caminho para a manutenção exige foco total nos três derradeiros jogos. É tempo de abandonar a inconstância — o “8 e o 80” — que nos fez oscilar entre exibições frágeis, como com o Lourosa, e vitórias de alma, como frente ao Chaves. Hoje, perante o CD Feirense, só o equilíbrio e o espírito de conquista serão admissíveis. Nesta edição da FCPF Magazine, conversamos com **Leandro Dias**. O lateral-esquerdo, que conquistou a Mata Real pela sua entrega, reforça a receita para o sucesso: a união entre balneário e bancada. É esse o combustível de que precisamos para esta tarde.

Por fim, celebramos Abril. O mês do nosso **76.º aniversário** lembrou-nos da relevância social do Paços e do valor imensurável do seu património humano. Entre o balanço das festividades e a celebração da subida da nossa equipa de Futsal à 2.ª Divisão Nacional, renovamos o nosso compromisso com a história.

Força Paços!

LEANDRO DIAS

“SEI QUE DO PAÇOS VOU LEVAR UM DIA OS SEUS VALORES:

A resiliência, a união entre as
pessoas do clube e a união
entre os adeptos”



Leandro Dias chegou à Mata Real em agosto de 2025, assumindo desde o primeiro momento que o FC Paços de Ferreira era o clube certo para continuar a evoluir. Na sua época de estreia no segundo escalão do futebol português, afirmou-se rapidamente no «onze» pacense, até se ter visto forçado a parar, dois meses depois, devido a uma lesão. O período de recuperação, garante, acabou por torná-lo mais forte. De forma gradual, foi regressando à competição e, nas últimas jornadas, voltou à titularidade – e com um só objetivo em mente: o de ajudar a equipa a conseguir a manutenção.

O campeonato caminha para a sua reta final, com muito por decidir e com o Paços a continuar a depender só de si para garantir o objetivo da temporada. Como é que está o grupo a encarar esta fase?

O grupo está motivado. Esta semana foi mais difícil, naturalmente, por termos de uma derrota, mas o grupo está motivado e acredita muito no objetivo que tem em mãos, que é a manutenção.

O resultado no Olival, frente ao Lusitânia de Lourosa, foi difícil de digerir? Principalmente depois de três jogos consecutivos a pontuar...

Sim, foi mais difícil de digerir, porque a equipa tinha estado bem nos três jogos anteriores. Vínhamos de dois empates e de uma vitória, e foram jogos em que estivemos bem. E nesta última jornada não estivemos ao nível que poderíamos e deveríamos ter estado. Mas isso é passado. Analisamos o que fizemos, tivemos uma semana de muito trabalho e agora temos de seguir em frente.

O que é para ti mais importante nesta fase da prova?

Nesta fase, acho que o mais importante é mantermo-nos unidos; é não começarmos a olhar para o lado e duvidar do colega, sobretudo. E, claro, é a união dos adeptos. Tê-los a puxar por nós é mesmo o mais importante.

E seja em casa ou fora, eles têm estado sempre presentes. Isso dá-vos outra força.

Sim, claro que sim. Isso nota-se nos jogos em casa, onde somos muito fortes. Porque, lá está, temos os adeptos connosco. E mesmo fora são uma parte essencial do nosso jogo. Queremos que isto se mantenha nos jogos que ainda temos pela frente.

O foco continua a ser jogo a jogo. Mas é fácil manter essa linha de pensamento, ou fazê-lo também exige um certo treino?

Por vezes não é fácil, ainda por cima quando estamos no momento em que estamos. Mas, sim, o foco tem de ser esse, tem de ser jogo a jogo. A cada semana temos de pensar no jogo que vamos ter e não no que estará para a frente, porque isso só vai tornar as coisas piores – ficamos mais pensativos, mais em baixo, mais ansiosos... Por isso, o foco tem de ser jogo a jogo e temos de dar o máximo em cada um deles.

Neste campeonato, a tabela classificativa tem estado numa constante indefinição, pois muda muita coisa de uma jornada para a outra. És dos que acompanha as movimentações ou prefere evitar?

Eu vou estando atento, gosto de ir vendo e de estar a par das coisas. Mas, por exemplo, na semana anterior tínhamos ganhado

ao Chaves, achávamos que íamos ter uma vantagem superior... e depois as outras equipas ganharam todas. Ou seja, isto não quer dizer nada. Portanto, sim, sou uma pessoa que gosta de estar atenta a essas coisas, mas sem passar todo o tempo a pensar nisso.

Tem-se visto, aliás, que as equipas que lutam pela manutenção têm dado boas respostas perante equipas que lutam pela subida. É a temporada mais competitiva dos últimos anos?

Apesar de este ser o meu primeiro ano na Segunda Liga, é certo que eu já tinha ouvido falar que este campeonato é sempre muito competitivo até ao fim. Mas acho que este ano está a ultrapassar tudo o que se viu em anos anteriores. Por exemplo, nesta fase final, as equipas de baixo têm conseguido superiorizar-se contra as equipas de cima, e isso mostra bem a competitividade que existe. Independentemente da posição que ocupem, todas conseguem competir com todas.

Sendo, como disseste, o teu ano de estreia, vês agora que chegaste preparado logo desde o começo ou houve alguma surpresa?

Acho que, no geral, já estava mais ou menos preparado para aquilo que ia ser este ano. Talvez esta competitividade excessiva entre todas as equipas me tenha surpreendido um bocadinho, pois não estava à espera de que isto fosse assim até ao fim, mas de uma forma geral já estava preparado para o que ia ser.

A tua época começou bem, estavas no «onze» regularmente - até que surgiu a lesão. Como é que encaraste isso, num período ainda inicial do campeonato?

Na altura não foi nada fácil, porque eu estava a viver um momento bom, estava a jogar, estava a ser importante na equipa. Além disso, nunca tinha passado por uma paragem tão longa. Já tinha tido algumas lesões, mas nada de grave. No entanto, eu acredito que se as coisas acontecem e têm de ser assim, então não vale a pena estarmos a pensar no que é que poderia ter sido. Também acredito que, de certa forma, a lesão foi importante para mim, porque me permitiu fortalecer o meu corpo e estar preparado para o que vinha aí. E é assim: não foi fácil, mas faz parte do meu processo.

Há um crescimento diferente para o atleta que passa por um período de recuperação?

Sim. Eu acredito que estas situações puxam sempre mais pela parte psicológica do jogador. Nós, atletas, procuramos constantemente a evolução dessa parte também, e é muito mais fácil isso acontecer num período de recuperação, na verdade, porque não estamos tão focados nos aspetos técnicos, mas sim na componente mental. Ajuda sempre.



O teu regresso foi-se fazendo depois aos poucos.

Sim, exatamente isso. Foi-se fazendo com calma, com paciência. Fui entrando aos poucos nos jogos, e isso foi fundamental, para começar a ter alguns minutos e para me permitir estar a jogar de forma mais coesa e regular agora.

Com receios?

Não, com receio não. Isto é: é claro que ao início o atleta tem sempre um pouco de receio de que possa voltar a acontecer uma lesão, mas confesso que não me influenciou no meu dia a dia. Não fiquei com medo de me lesionar outra vez. Ou seja, até pode haver esse pensamento, mas, a partir do momento em que entras em campo, ele desaparece. Todos esses pensamentos vão embora.

E agora de volta ao «onze» nas últimas jornadas, como é que te tens sentido?

Tenho-me sentido bem; tenho ajudado a equipa naquilo que posso e consigo. A nível físico também me tenho sentido bem, capaz, e estou muito feliz por poder ajudar a equipa nesta fase.

“O Paços é um clube histórico, é o clube ideal para eu ajudar e para me valorizar”, disseste tu em agosto, após a tua chegada. De que forma avalias estes nove meses na Capital do Móvel?

Eu acho que no geral a minha passagem pelo Paços tem sido muito boa para mim: tenho ajudado o clube, e o clube tem-me ajudado a valorizar-me. Pude fazer minutos como profissional, e são já alguns esta época, fiz a estreia na Segunda Liga... Lá está, o clube ajudou-me muito e eu também tenho ajudado o clube.



Vamos falar agora sobre o teu percurso? Conta-nos como é que tudo começou.

Eu comecei a jogar futebol com cerca de cinco ou seis anos. Na altura, comecei no Leça, mas foi uma curta passagem – só estive lá seis meses. Como o Leixões ficava mais perto de casa, acabei por me mudar para lá e fiz toda a formação até aos 14 anos. A partir dessa idade fui para o Porto, onde fiz o resto da formação, e no meu primeiro ano de sénior fui para o Braga, clube que representei durante três anos. E, por fim, surgiu o Paços.

A decisão de entrar no futebol foi por influência de alguém ou foi mesmo uma vontade tua?

Acho que foi um bocado dos dois. Eu tinha tios e primos que já jogavam, mas acho que desde pequeno tive dentro de mim essa paixão e essa vontade de jogar futebol.

Assumiste desde o início que o teu futuro tinha de passar por aqui? Ou chegaste a colocar outras hipóteses em cima da mesa?

Acredito que todo o atleta coloca sempre outras hipóteses. Principalmente nesta profissão, em que num dia estamos bem, e noutro dia pode acontecer, por exemplo, uma lesão grave e temos de deixar este sonho. Acho que se pensa sempre noutra opção. Mas no meu caso não me via mesmo a fazer mais nada sem ser o futebol.

Eras bom aluno?

Era um aluno razoável. Gostava de História, de Filosofia... O pior para mim era mesmo Matemática.

Não chegou a ser equacionada, portanto, a hipótese de termos aqui um professor de História?

Não, não, não! [Risos] Não ia acontecer.

E jogaste desde sempre mais recuado no terreno, ou passaste por outras posições durante a tua formação?

Não. Na formação houve alturas em que cheguei a jogar a extremo, e assim fiz uma ou duas épocas, mas a maior parte foi mesmo na minha posição atual, lateral esquerdo.

Ora do Leixões saís para o Porto. Como é que aconteceu essa mudança?

Na minha opinião, esse foi o passo que me fez chegar onde estou hoje. Se não tivesse ido para o Porto nessa altura, acho que não seria, de todo, o homem e o jogador que sou. Eu vinha de um contexto em que estava perto de casa, tinha os meus amigos, e estava no meu espaço de conforto. E sair desse espaço de conforto foi determinante.

Tive de mudar muita coisa, apesar da curta distância: de escola, porque passava a ter treinos de manhã e era preciso conciliar com os horários escolares, de amigos, de contexto... Quer queiramos quer não, há uma diferença entre o Leixões e o Porto na formação. No Porto já é algo mais profissional, obrigam a puxar o homem de cada jogador, e esse foi um passo muito importante na minha carreira.

Mesmo sendo por algo que querias muito, foi fácil lidar com essas mudanças?

Não, ao início não foi fácil. Claro que a cabeça começa a pensar “Vou deixar a minha zona de conforto”, “Vou deixar os meus amigos”. Mas desde logo percebi também que se queria ser alguém no futebol, no futuro, aquele era o passo que precisava de dar. Foi só esse o foco. No Porto também tínhamos outro tipo de acompanhamento na parte mais mental e psicológica. Eles trabalham muito isso e preocupam-se com o bem-estar do atleta. Então isso ajudou-me muito, porque eu era ainda um miúdo e ajudou-me a pensar nas minhas decisões com clareza.

A tua família também sempre te deu muito apoio e segurança nessas tomadas de decisão?

Sim. Sobretudo nessa altura, o meu pai foi uma pessoa muito importante para mim. Acho que, sem ele, se calhar também não tinha tomado a decisão de ir para o Porto. Não tinha tido essa coragem. Foi ele que me ajudou, que me deu força para ir em frente. Toda a minha família deu, é certo, mas ele, principalmente, foi uma pessoa muito presente na minha formação e isso ajudou muito. Deu-me mais segurança. Saber que uma pessoa mais velha, que é também o meu exemplo de vida, achava que aquilo era o melhor para mim e confiava nas coisas que estavam a acontecer, deu-me logo outro conforto.

A primeira chamada às seleções de base de Portugal surge na época em que te mudaste ou ainda no Leixões?

A primeira chamada à seleção surge quando já estava no Porto, mas vem no seguimento do meu ano no Leixões. Naquela época, acho que nem assimilei bem as coisas. Nem sabia muito bem o que estava a acontecer. Hoje olho para trás e vejo que foi muito bom, mas acho que na altura ir à seleção deixava-me feliz, é claro, mas eu nem pensava nisso. Só queria jogar e ponto.

Quando terminas a tua fase de formação, acabas por não ficar no Porto. Foi uma decisão tua?

Concluído o meu período de formação, o Porto dava-me um ano de contrato e o Braga estava a dar-me três anos. A nível desportivo, financeiro, e mesmo como projeto para o futuro, o projeto do Braga trazia uma segurança e confiança maiores do que o do Porto, e foi por isso que dei esse passo. Trazia-me mais estabilidade. Ter um ano ou ter três anos de contrato

é completamente diferente. Uma pessoa sabe que pelo menos naqueles três anos está no mesmo clube, e isso dá outra estabilidade. Além disso, naquele momento eu sabia que tinha o interesse do Braga, mas nada garantia que um ano depois iria continuar a ter. Por exemplo, imaginemos que eu tinha ficado no Porto e até tinha um ano que não me corresse como eu queria – podia não ter o projeto do Braga a seguir. Estaria a perder uma oportunidade.

No Braga, onde ficas entre equipa B e a equipa Sub-23, conquistas a Taça Revelação na primeira época. Como é que foi essa temporada?

Admito que nesse primeiro ano o início não foi fácil. Eu fui para a equipa B e não joguei assim tanto como queria, e foi por isso, principalmente, que depois passei para os Sub-23. Mas acho que a partir dessa passagem foi um ano muito bom para mim. Pude jogar muitos jogos e essa conquista da Taça Revelação foi acabar a temporada em grande.



“A MINHA PASSAGEM PELO PAÇOS TEM SIDO MUITO BOA PARA MIM: TENHO AJUDADO O CLUBE, E O CLUBE TEM-ME AJUDADO” LEANDRO DIAS

Na época seguinte, continuaste nesse registo entre as duas equipas. Já mais confiante?

Sim. Já estava mais confiante, já me sentia mais importante no clube, já sentia que as pessoas confiavam em mim e sabiam daquilo que eu era capaz. Acho que o segundo ano de Sub-23 também me permitiu ter mais segurança no meu jogo, ser mais confiante naquilo que eu fazia, para depois transportar isso mesmo para o ano seguinte.

Falamos da época 2024/2025, em que estiveste apenas na Equipa B, na Liga 3. Sentes que foi uma temporada importante de preparação e aprendizagem para depois dares o tão desejado salto para a Segunda Liga?

Sem dúvida. Eu estou agora na Segunda Liga, mas passei por todas as etapas. Ou seja, não saltei nenhuma: joguei nos Sub-23, joguei a Liga 3 e agora jogo a Segunda Liga. Acho que a Liga 3 tem muita qualidade, atualmente; é um campeonato competitivo, e isso preparou-me muito para o desafio deste ano.

E foi a primeira experiência que tiveste em que não jogavas com atletas na mesma fase/idade do que tu.

Sim, já apanhava atletas com 30 anos, mais experientes, e isso dá-nos outra maneira de ver o jogo. Ensina-nos algumas coisas – algumas coisas matreiras – que eles já sabem, claro. Foi muito importante para mim.

E depois o Paços. Veio na altura certa?

Sim, foi na altura certa. Eu não estava à espera que aparecesse esta oportunidade e ela apareceu mesmo na altura certa. Principalmente por ser o Paços e por ser a Segunda Liga – acabou por ser uma conjugação muito boa para mim. Obviamente que o Paços tem condições de trabalho que muitos clubes da Segunda Liga não têm; tem uma história que muitos outros clubes da Segunda Liga não têm; e o facto de ser a Segunda Liga, que era aquilo que eu objetivava para mim este ano, tornou esta oportunidade muito especial.

O que é que esperas viver ainda aqui?

Penso no agora – e o objetivo para este ano é garantir a manutenção e dar essa alegria aos adeptos. Para mim, isso é o principal.

E o que é que já é certo que um dia vais levar daqui?

Sei que do Paços vou levar os valores que o clube tem: a resiliência, a união entre as pessoas aqui dentro e a união entre os adeptos. Tenho a certeza de que isso vou levar um dia deste clube.

EXPOSIÇÃO “A HISTÓRIA FAZ-SE DE PAÇOS”

Durante todo o mês de abril, o passado, o presente e a paixão por este emblema cruzaram-se no Museu Municipal de Paços de Ferreira, num espaço de memória e orgulho pacense que contou a história do FC Paços de Ferreira.

Troféus, camisolas, galhardetes e medalhas conduziram os adeptos pacenses, bem como toda a população, numa viagem pelos 76 anos de existência do clube.

76





HOMENAGENS NO MURAL PACENSE

O mais sentido agradecimento a quem deu tudo de si em prol do clube. Depois de terem marcado a história do FC Paços de Ferreira, Carlos Alberto (atleta), Dr. Manuel José (médico) e Fernando Pinto (dirigente) veem agora os seus nomes eternizados no Mural Pacense, no Estádio Capital do Móvel.



“FUTEBOL FEMININO: PRESENTE E FUTURO”

Para uma conversa dedicada à evolução da modalidade em Portugal e às perspetivas para os próximos anos, o FC Paços de Ferreira reuniu Marisa Gomes (Coordenadora das Seleções Femininas de Portugal), Luís Lopes (Vice-Presidente da AF Porto) e Rui Abreu (Presidente do FC Paços de Ferreira).

Manuela Freitas e Conceição Carneiro, atletas da primeira equipa feminina do clube (1981) também partilharam o seu testemunho, recordando os desafios da época e refletindo sobre as conquistas e mudanças até aos dias de hoje.



Como é tradição, o 25 de abril na Mata Real ficou marcado por reencontros. O encontro anual que reúne Atletas, Treinadores, Funcionários e Dirigentes do clube voltou a proporcionar momentos de partilha, boas memórias e a certeza de como é especial ser Paços.

Neste dia, foi ainda homenageada a equipa campeã de escolinhas de 1995/1996, tendo também sido recordado Américo, ex-atleta e associado de longa data da secção de Veteranos, que recentemente nos deixou.



29.º ENCONTRO DA FAMÍLIA PACENSE

76

CONFERÊNCIA

“APOIAR SEM TREINAR:

O PAPEL DOS PAIS NA FORMAÇÃO”

Marco Paiva (Coordenador da Formação), Afonso Gaspar (Atleta), Bárbara Amorim (Mãe), Dr. José Neto (Embaixador Nacional da Ética) e Ana Luzia Veiga (Psicóloga da Formação) promoveram uma reflexão rica a multifacetada sobre o papel dos pais no percurso desportivo e no desenvolvimento de jovens atletas.

Nesta sessão, o Presidente Rui Abreu apresentou o projeto “Paços Firmes”, uma iniciativa focada na promoção de valores e boas práticas no desporto, disponível em www.fcpf.pt/pacos-firmes.



FUTSAL

DA INCERTEZA À GLÓRIA: O REGRESSO À II DIVISÃO NACIONAL!

Foi no dia 18 de abril que o FC Paços de Ferreira dreamcouch Futsal escreveu uma das páginas mais emocionantes da sua história recente. Numa reta final de cortar a respiração, com contas a serem feitas já

fora da quadra e os olhos postos no que se passava em Gaia, os «Castores» passaram da ansiedade ao êxtase em poucos minutos. Está confirmado, já não há dúvidas: é hora de voltar à II Divisão Nacional de Futsal!



A 27 de junho de 2024, pouco mais de um mês após a descida ao terceiro escalão nacional de futsal, o mote estava lançado: “Tenho muita vontade de ganhar e de mostrar que quero ajudar o clube no seu objetivo. E não nos podemos esconder: o objetivo principal é a subida de divisão. Assumidamente”. Quem o disse foi Nandinho, que acabava de chegar à Capital do Móvel para assumir a liderança da equipa técnica do FC Paços de Ferreira. Homem experiente no futsal, considerado um dos maiores goleadores da história recente da I Divisão Nacional, trazia consigo a energia necessária para que o plantel se restabelecesse do duro golpe da época que havia terminado e se focasse na subida.

E foi por pouco que o regresso não se consumou. Após um campeonato consistente, os «Castores» da quadra terminaram na segunda posição e garantiram uma vaga no play-off de promoção. O sonho da subida chegou ao fim nas meias-finais, depois de uma derrota por 5-4 contra o Albufeira Futsal Clube. Em nada manchava a prestação da conjunto pacense ao longo de toda a temporada, mas era inevitável a frustração dos que lutaram a cada jogo. Foi preciso voltar a reunir as tropas, dar um novo «boost» e encarar a época que se seguia com ainda mais trabalho e rigor – pois o compromisso nunca faltou.

A história de 2025/2026 ganhou contornos verdadeiramente cinematográficos. Vejamos: o FC Paços de Ferreira dreamcouch Futsal assumiu o primeiro lugar logo à primeira jornada. E de lá não saiu até chegar à jornada 20, quando foi ultrapassado pelo Lusitânia de Lourosa FC – com quem estava em igualdade pontual desde a ronda 17. Restavam duas jornadas e havia três pontos a separar as duas equipas. “O primeiro lugar não dependia de nós. Contudo, temos

sempre aquela esperança, mesmo sendo pequena. Apesar de ser o último jogo e de o Contacto já ter a descida confirmada, sabíamos que não ia ser fácil, mas queríamos, acima de tudo, ganhar o jogo e, pelo menos, segurar o segundo lugar e a ida ao play-off”, diz o mister Nandinho.

Assim foi. Os «Castores» venceram por 2-4 e a ida ao play-off de promoção estava, um ano depois, assegurada novamente. Mas seria mesmo assim? É que em Canelas, Vila Nova de Gaia, o ADC Santa Isabel x Lusitânia de Lourosa ainda se jogava... e estava 4-4! “Mal acabou o nosso jogo, soube logo do resultado em Gaia. Faltavam cerca de dois minutos e meio, e estava 4-4. Óbvio que esses minutos finais foram de uma ansiedade grande – e quando a partida terminou com o resultado que nos interessava, foi uma descarga incrível de toda a gente. Quem viveu aquilo sabe que foi puro “cinema”. Foi incrível!”, relembra. Afinal, a ADC Santa Isabel chegou ao 6-4. Venceu. E, em igualdade pontual com o conjunto de Lourosa, o FC Paços de Ferreira tinha vantagem no critério de desempate. Já não havia play-off, nem incertezas. O primeiro lugar era do Paços e o regresso à II Divisão Nacional acabava de se confirmar!

“SERMOS CAMPEÕES NACIONAIS. É UM TÍTULO QUE O CLUBE NÃO TEM, E QUEREMOS SER OS PRIMEIROS A CONSEGUIR”

NANDINHO

“ QUEM VIVEU AQUILO SABE QUE FOI PURO “CINEMA”. FOI INCRÍVEL!”

NANDINHO

“Esta subida foi iniciada na época anterior, com muito trabalho. No ano passado estivemos perto de conseguir e este ano voltamos a tentar. O facto de mantermos o plantel, e termos visto chegar atletas que vieram encaixar perfeitamente naquilo que já tínhamos, foi muito importante. E depois há o compromisso que todos os meus jogadores tiveram – são miúdos fantásticos que viveram a época de forma intensa e com muito trabalho, e esta conquista foi mais do que justa”, acrescenta.

O resto do dia foi de euforia. A equipa festejou com adeptos e familiares e foi recebida no Salão Nobre da Câmara Municipal de Paços de Ferreira, por Paulo Ferreira, presidente da autarquia.

E agora o que se segue? “Agora vamos disputar o Apuramento do Campeão e temos um novo objetivo pela frente.



Todas as equipas que disputam esta fase têm a expectativa de a conquistar, e nós não fugimos à regra. Por isso vamos treinar bem nestas próximas semanas para sermos bastante competitivos, ganharmos os jogos e sermos campeões nacionais. É um título que o clube não tem, e queremos ser os primeiros a conseguir”.

A Fase de Apuramento do Campeão tem início a 16 de maio e prolonga-se até 20 de junho. Ao FC Paços de Ferreira junta-se o CF Sasseiros e o AR Amarense, primeiros classificados das suas séries, e uma outra vaga pode ser ocupada pela ADRC Casa da Ribeira, vencedor da série dos Açores, caso vença o play-off de promoção. Este apuramento será disputado em sistema de campeonato a duas mãos, sendo campeã a equipa que somar mais pontos.

“No futuro imediato pensamos em lutar pelo título, sabendo que o principal objetivo que tínhamos era a subida – que conseguimos perante adversários com outras condições financeiras. Demonstramos que com trabalho e união se conseguem bons resultados. Agora, contamos mais uma vez com a força dos nossos adeptos no pavilhão para o que aí vem”, conclui Nandinho. Lá estaremos a defender o amarelo!

SERÁS TU O PRIMEIRO FAN OF THE MATCH?

Descarrega a app

Cria a tua conta

Apoia a equipa do primeiro ao último
minuto e ganha prémios exclusivos



APP STORE



GOOGLE PLAY



BREVES FCPF

VETERANOS: PRESENÇA INÉDITA NA FINAL DA TAÇA AF PORTO



Em véspera de aniversário do clube, a equipa de Veteranos do FC Paços de Ferreira garantiu, pela primeira vez, a presença na final da Taça AF Porto de Masters. Na meia-final da prova, o conjunto pacense venceu por uma bola a zero o GDRJ Ribeiras.

Do outro lado, na disputa pelo troféu, os «Castores» encontrarão um emblema histórico do futebol nacional – o SC Salgueiros. O encontro está agendado para o dia 23 de maio, em horário ainda por definir.

Nota ainda para a prestação da equipa no Campeonato Distrital de Masters da I Divisão da AF Porto, onde o FC Paços de Ferreira ocupa a terceira posição, com 43 pontos.

SÓCIOS APROVAM TRANSFORMAÇÃO DA SDUQ EM SAD

A Assembleia Geral Extraordinária do Futebol Clube de Paços de Ferreira que aconteceu no passado dia 24 de abril ficou marcada pela aprovação do projeto para transformação da Futebol Clube de Paços de Ferreira, SDUQ Lda. em Sociedade Anónima Desportiva (SAD) e transmissão de 49,90% (e até um máximo de 80%) do respetivo capital social.



Numa das Assembleias Gerais de maior participação da história do clube, a proposta de criação da SAD e a entrada do grupo brasileiro PlayMakers Sports (PMK) como investidor foi aprovada, reunindo 50,2% de votos a favor. Cumprido este ato, o processo irá tomar os passos formais inerentes, pelo que mais informações sobre o mesmo serão prestadas oportunamente.

JOÃO VÍCTOR ELEITO JOGADOR DO MÊS DE MARÇO



O avançado João Víctor foi quem reuniu o maior número de votos por parte do plantel do FC Paços de Ferreira, na eleição do Jogador do Mês Solverde.pt de março. O «camisola 9» mostrou-se feliz com a escolha dos colegas e confiante para os jogos que restam no campeonato. “Só quero agradecer aos meus colegas por terem votado em mim e pela ajuda que me dão. Março foi um mês mais positivo, consegui ajudar o clube e estou muito feliz”, afirmou após receber a distinção.

No terceiro mês do ano, o FC Paços de Ferreira realizou cinco jogos, frente a UD Oliveirense, Portimonense SC, SL Benfica B, Leixões SC e UD Leiria – dos quais resultaram duas vitórias, um empate e duas derrotas. João Victor, que só não foi titular no encontro frente à equipa de Oliveira de Azeméis, apontou três golos.

“Estou feliz pelos golos, estou feliz por ajudar o Paços e muito grato pela ajuda dos meus companheiros. Tenho crescido muito nos treinos, nos jogos, e continuarei a trabalhar por mais”, acrescentou ainda.

FORMAÇÃO: HUGO COELHO NA SELEÇÃO NACIONAL SUB-15

Hugo Coelho, jovem médio da equipa Sub-15 do FC Paços de Ferreira, foi convocado pelo treinador nacional João Santos para representar a seleção portuguesa do mesmo escalão. A «Equipa das Quinas» esteve no final do mês a disputar o Torneio das Nações – prova que se dividiu entre Áustria, Eslovénia e Itália, de 25 de abril a 1 de maio.

No primeiro jogo, frente à seleção da Chéquia (empate a duas bolas), Hugo Coelho entrou ao intervalo. No segundo, diante da congénere da Roménia (derrota por 1-0), o jovem Castor foi titular. Também como titular alinhou no terceiro jogo, com o Montenegro (vitória por 2-0).

Esta convocatória de Hugo Coelho surgiu depois da chamada para o estágio de carácter observatório que aconteceu na Cidade do Futebol, em março. A sessão de trabalhos da altura reuniu 72 atletas num torneio inter-seleções – e outros três pacenses estiveram presentes: Gonçalo Oliveira, Gustavo Sousa e João Bragança.



ÚLTIMOS JOGOS

Jornada 28



0-0

FC PAÇOS DE FERREIRA X CS MARÍTIMO

Jornada 29



0-0

FC FELGUEIRAS X FC PAÇOS DE FERREIRA

MÉDIA DE ESPECTADORES

1897 

5º Lugar

MELHOR MARCADOR

JOÃO VICTOR

8 Golos

CLASSIFICAÇÃO

16º LUGAR

35 Pontos



Jornada 30

Marcadores: João Victor,
Lumungo (2) e Vlad



Jornada 31



PRÓXIMOS JOGOS



X



SC FARENSE

Horário a Definir



X



FC PENAFIEL

Horário a Definir



PAÇOPRINT
artes gráficas

PaçoPrint
A sua marca gráfica

